

O sofrimento do rei. (Salmos 22.1-2)

O comentarista bíblico **Derek Kidner** faz uma declaração brilhante acerca deste salmo: **“Nenhum cristão pode ler este salmo sem se ver vividamente confrontado com a crucificação”**. O salmo 22 é um salmo messiânico – e a despeito de ter sido composto pelo rei Davi, nada há nas experiências dele que corresponda a descrição dada no texto. O teólogo **Pearlman diz: “Somente quando nos aproximamos da cruz de Cristo é que aprendemos a identidade do sofredor”**. Por meio deste salmo – somos convidados a nos aproximar da cruz de Cristo. Concordo plenamente com que expressou o pastor **Leandro Peixoto: “A história desse salmo é a história da crucificação de Cristo e do seu desdobramento, 1000 anos antes dos fatos. Ela trata do triunfo do derrotado”**. Gosto da expressão triunfo do derrotado – pois, o diabo e o inferno estavam em festa ao ver o Filho de Deus na cruz. Ali, satanás achou que havia vencido a batalha – mas o Filho de Deus venceu a morte, ressuscitou dentre os mortos e vivo está!

Basicamente o salmo é dividido em duas partes: na primeira parte o salmista descreve os sofrimentos dolorosos (v. 1-21); e a segunda parte retrata uma esperança triunfante (v. 22-31). A primeira parte deste salmo retrata o sofrimento de Cristo na cruz. O que podemos aprender com o sofrimento de Cristo na cruz? Vamos elencar alguns pontos para a nossa reflexão.

Em primeiro lugar, **no sofrimento – ele se agarra ao Pai** (Salmos 22.1). Pregado a cruz vemos o nosso grande Redentor em situação desesperadora e aflitiva, e ainda assim – percebemos que a fé do nosso Senhor brilha e merece a nossa imitação reverente. Ele se agarra a Deus e clama a Deus duas vezes: “Deus meu, Deus meu”! Que belo ensinamento o Mestre nos dá – que mesmo em meio a dor e ao sofrimento – podemos nos agarrar a Deus e ter a certeza de que Ele é o nosso Deus, ou Deus meu. O reformador **João Calvino diz: “Ele fora profundamente oprimido pela dor; não obstante isso, prorrompe em linguagem de certeza: Deus meu! Deus meu!”**.

Em segundo lugar, **ele foi alvo do juízo divino em lugar dos pecadores** (v.1). Das sete palavras pronunciadas por Jesus na cruz, sem sombra de dúvida, esta é a mais sofrida. Jesus foi desamparado pelo Pai – e a palavra desamparo é uma das mais trágicas do discurso humano. Estas palavras foram repetidas por Jesus em (Mateus 27.46) e é uma vívida descrição da separação punitiva que o Messias aceitou em nosso lugar. O reverendo **Hernandes Dias Lopes diz: “Porque Deus, sendo justo e santo, precisava punir o pecado, e, muito embora o Messias não tivesse pecado pessoal, ele levou sobre si os nossos pecados, ou seja, assumiu a responsabilidade de sofrer a penalidade de nossas iniquidades”**.

Em último lugar, **Jesus foi exemplo de obediência** (v.2). Davi usado pelo Espírito de Deus – transcreve o sofrimento de Cristo na Cruz. Mesmo em agonia, ele foi exemplo de obediência. Ele ora, mas sua oração não é respondida. O que é chocante é que mesmo assim – Ele manteve a crença no Pai Celestial. O verso 2 começa com a expressão “Deus meu”. Mesmo em meio a pressão e o horror daquele dia tenebroso – Jesus continuou a clamar. Jesus não incoerente com suas palavras e ensino. Em Jesus – o processo ensino – aprendizado não era falido. Ele vivia o que ensinava (Lucas 18.1). Que coisa extraordinária – Jesus mesmo em face ao abandono e a não resposta de Deus – ele continua a clamar – mostrando a todos nós a importância de sermos obedientes. O teólogo e pregador batista **Charles Spurgeon em sua obra (os tesouros de Davi) afirma: “Não há luz do dia que seja excessivamente brilhante e nem meia-noite que seja muito escura para orar”**.

**Fraternalmente em Cristo
Pr. José Manuel Monteiro Jr.**